

PROCEDIMENTO NORTEADOR DE PRÁTICAS PSICOLÓGICAS MEDIADAS POR MATERIALIDADES ARTÍSTICAS NO CONTEXTO ESCOLAR

Rebecca Moura de Almeida Ferreira Carvalho¹; Vera Lucia Trevisan de Souza¹

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar um recurso norteador no campo da psicologia escolar com a intenção de uma atuação crítica, de cunho participativo, voltada ao coletivo, engajada e transformadora utilizando expressões artísticas. Essa proposta deriva das pesquisas-intervenções que o grupo de pesquisa tem desenvolvido ao longo dos anos e da pesquisa de mestrado da primeira autora de onde deriva a proposta do *PraPsi*, repercutindo o que denominamos de “Procedimento Norteador de Práticas Psicológicas Mediadas por Materialidades Artísticas no Contexto Escolar”. O recurso busca fundamentar ações de psicólogos voltadas ao coletivo e oferecer subsídios para o planejamento e construção de práticas que se utilizem de expressões artísticas. Inicialmente, o artigo introduz aspectos teórico-metodológicos que fundamentam nossa pesquisa, em especial os conceitos de Vigotski, da Psicologia da Arte, e da Pesquisa-Intervenção-Arte, que realizando no grupo. Em seguida, apresentamos o *Prapsi* e as dimensões que o estruturam apontando caminhos para a apropriação e escolha de materialidades artísticas em práticas psicológicas profissionais. Complementando o texto, a título de ilustração, o artigo apresenta o relato de parte de uma pesquisa-intervenção em uma escola pública com estudantes do ensino fundamental em que se utilizou de uma animação japonesa (anime) como materialidade promotora da imaginação e de processos criativos. Acreditamos que o *PraPsi*, como norteador da pesquisa-intervenção, pode contribuir com a ação crítica e consciente de profissionais que desejam utilizar materialidades artísticas como instrumentos psicológicos em contextos coletivos.

Palavras-Chave: psicologia histórico-cultural; psicologia da arte; psicologia escolar

Guiding procedure for psychological practices mediated by artistic materials in the school context

ABSTRACT

This article aims to present a guiding resource in the field of school psychology with the intention of a critical, participatory, collective-oriented, engaged and transformative action using artistic expressions. This proposal comes from the research-interventions which the research group has developed over the years and from the first author's master's research, from the *PraPsi* proposal comes from, reflecting what we call the “Psychological Practices Mediated by Artistic Materiality.” The resource seeks to support the psychologists' actions focused on the collective and offer subsidies for the planning and construction of practices that use artistic expressions. Initially, the article introduces theoretical and methodological aspects that support our research, especially the concepts of Vygotsky, the Psychology of Art, and Intervention Research, which we have been carrying out in the group. Next, we present *Prapsi* and the dimensions that structure it, pointing out paths for the appropriation and choice of artistic materiality in professional psychological practices. Complementing the text, by way of illustration, the article presents the report of part of the research-intervention-art in a public school with elementary school students in which an anime was used as a materiality to promote imagination and creative processes. We believe that *PraPsi*, as a guide for intervention research, can contribute to the critical and conscious action of professionals who wish to use artistic materials as psychological instruments in collective contexts.

Keywords: historical-cultural psychology; psychology of art; school psychology

¹ Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, SP, Brasil; rebeccamaferrreira@gmail.com; vera.trevisan@uol.com.br

Procedimiento orientador de prácticas psicológicas mediadas por materialidades artísticas en el contexto escolar

RESUMEN

En el presente artículo se tiene como objetivo presentar un recurso orientador en el campo de la psicología escolar con la intención de una actuación crítica, de cuño participativo, volcada al colectivo, ligada y transformadora utilizando expresiones artísticas. Esa propuesta deriva de las investigaciones-intervenciones que el grupo de investigación ha desarrollado a lo largo de los años y de la investigación de maestría de la primera autora de donde deriva la propuesta del *PraPsi*, repercutiendo lo que denominamos de “Procedimiento Orientador de Prácticas Psicológicas Mediadas por Materialidades Artísticas en el Contexto Escolar”. El recurso busca fundamentar acciones de psicólogos volcadas al colectivo y ofrecer subsidios para la planificación y construcción de prácticas que se utilicen de expresiones artísticas. Inicialmente, en el artículo se introduce aspectos teórico-metodológicos que fundamentan nuestra investigación, en especial los conceptos de Vygotsky, de la Psicología del Arte, y de la Pesquisa-Intervención, que veníamos realizando en el grupo. Después, presentamos el *Prapsi* y las dimensiones que lo estructuran apuntando caminos para la apropiación y escoja de materialidades artísticas en prácticas psicológicas profesionales. Complementando el texto, a título de ilustración, el artículo presenta el relato de parte de una pesquisa-intervención en una escuela pública con estudiantes de lo enseñanza básica en que se utilizó de un anime como materialidad promotora de la imaginación y de procesos creativos. Creemos que el *PraPsi*, como orientador de la pesquisa-intervención, puede contribuir con la acción crítica y consciente de profesionales que desean utilizar materialidades artísticas como instrumentos psicológicos en contextos colectivos.

Palabras clave: psicología histórico-cultural; psicología del arte; psicología escolar

INTRODUÇÃO

Para propormos práticas psicológicas mediadas por materialidades artísticas é necessário navegar no campo das artes, buscando, antes de mais nada, conhecê-lo. Porém, definir o que é arte não é uma tarefa fácil. Coli (1995) já dizia em seu livro “O que é arte” que, quando procuramos respostas claras e definições nos decepcionamos por serem divergentes e contraditórias. O que podemos dizer, de acordo com o próprio autor, é que arte são “certas manifestações da atividade humana diante das quais nosso sentimento é admirativo” (Coli, 1995, p. 8), ou seja, é toda produção humana que apreciamos como expectadores. Para Vigotski, a arte é capaz de provocar alterações no psiquismo dos sujeitos que se dispõem a fluí-la. E assim, como a uva está para o vinho, a arte está para a vida: “A arte recolhe da vida o seu material, mas produz acima desse material algo que ainda não está nas propriedades desse material” (Vigotski, 1999, p. 308).

Nesse sentido, quando pensamos na Psicologia, não buscamos as definições de arte e sim o efeito que a arte produz no outro. Em especial, concordamos com Vigotski (1999) que o essencial para o desenvolvimento da Psicologia da Arte e para o desvelamento de seu problema central seria compreender o elo entre a imaginação e a emoção na promoção do desenvolvimento humano (Souza, Dugnani, & Reis, 2018). É essa ligação entre o desenvolvimento humano e a arte que nos interessa na psicologia ao tomarmos a arte como um instrumento psicológico que promove o poder de agir nos sujeitos devido ao seu potencial de fazer emergir emoções. Isso se deve a capacidade de afetar os sujeitos pela via do sensível, promovendo um estranhamento da realidade

e uma mediação potente da conscientização e ressignificação, em que concorrem os processos imaginativos e criativos que atuam imbricados com as emoções e demais Funções Psicológicas Superiores.

Nosso foco, portanto, não é a arte enquanto área de conhecimento, embora também abordemos seus aspectos históricos e estéticos em nossa atuação, mas a Psicologia da Arte, ou seja, “efeito que arte provoca no sujeito” (Souza, 2016, p. 89). Isso porque o que temos observado em nossas pesquisas-intervenção é que a arte “promove mediações estéticas que *mudam* a relação do sujeito com o meio, justamente por possibilita-lhe viver para além da sua condição atual, ou seja *promove vivências*” mudando assim o curso de desenvolvimento dos sujeitos (2016, p. 91, grifos da autora).

Em especial, se pensarmos no contexto escolar, o essencial da arte é o “entendimento de seu papel na constituição de um contexto educativo que promova o desenvolvimento de formas mais elaboradas de relação” (Souza et al., 2018, p. 377). Esses apontamentos reforçam o entendimento que o psicólogo escolar deve trabalhar com foco em uma prática orientada na compreensão e intervenção buscando a conscientização e empoderamento do coletivo da escola e seus diversos atores e ações (Marinho-Araújo, Teixeira & Cavalcante, 2023). Acreditamos que são necessárias ações e reflexões, em especial na prática em psicologia escolar, que invistam no diálogo, nas reflexões e em ações coletivas que possibilitem emergirem as contradições de modo a promover a reconfiguração de sentidos e significados das experiências vividas na escola, e a arte potencializa a manifestação de contradições nesse contexto. (Souza, Petroni & Andrada, 2016)

Acreditando nesse potencial da arte, e visando práticas coletivas e transformadoras no contexto escolar, o grupo de pesquisa ao qual se vinculam as autoras investiga a potência da arte como instrumento psicológico utilizando as mais diversas materialidades artísticas. Entre elas podemos citar a pintura, a música, a colagem, a poesia, os contos, os filmes, os documentários, o teatro, a dança, as fotografias, as animações, os quadrinhos entre outros, tanto no âmbito da apreciação como no da produção (Ariñeli, 2022; Barbosa, 2017,; Camargo, Silva, Carvalho, & Souza, 2023; Carvalho & Souza, 2023; Jesus, 2020; Medeiros, 2022; Neves, 2015; Oliveira, 2021; Takara, 2017). Essa gama de investigações nos possibilitou observar que a arte, sustentada nos pressupostos teóricos da Psicologia Histórico-Cultural, se constitui como potência para promoção da reflexão e conscientização. O trabalho com a pesquisa-intervenção-arte (Souza, 2021) possibilita colocar o fenômeno humano em movimento, mergulhando em práticas interventivas-investigativas e construindo “novas realidades”, coletivamente e colaborativamente.

Algumas perguntas, no entanto, emergem quando buscamos aprofundar a compreensão dessa relação da arte com as práticas psicológicas: como eleger formas de arte que se caracterizem como instrumentos psicológicos? Quais os indicadores de que determinada expressão artística funciona como mediadora e mediatizante dos processos psicológicos do sujeito? Qual o conhecimento necessário das formas de arte que se pretende utilizar? Quais estratégias para sua utilização?

Este artigo apresenta um recurso norteador que pretende oferecer subsídios a psicólogos-pesquisadores que busquem novas formas de acerrar os fenômenos psicológicos investigados, construindo abordagens que se voltam ao coletivo-colaborativo e visem à transformação dos contextos em que se inserem. O recurso foi criado após trabalhar os dados de uma dissertação no processo de construir a análise do acessado e vivido, em que percebemos que seria necessário nos voltar à teorização, na busca do “concreto teorizado” nos termos de Kosik (2002). É a isso que nos propomos – teorizar o que fizemos de modo a oferecer subsídios a novas práticas, e o faremos partindo do realizado empiricamente.

MÉTODO

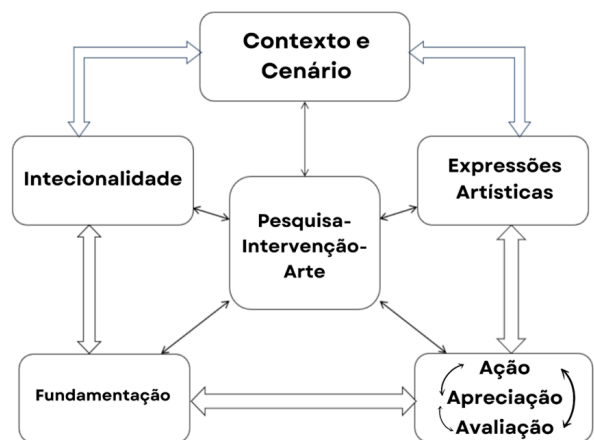
Nesse processo analítico-reflexivo de examinar o construído e derivar abstrações, criamos o recurso *PraPsi*, repercutindo o que denominamos de *Práticas Psicológicas Mediadas por Materialidades Artísticas* (Imagem 1). O recurso foi idealizando após o trabalho desenvolvido ao longo de 14 meses, envolvendo 28 encontros com estudantes dos 6º, 7º, e 8º Anos de uma Escola Estadual na região de Campinas em que utilizamos 12 materialidades diferentes, entre elas animes, quadrinhos e contos. Ao final do artigo ilustraremos uma dessas intervenções, com o 7º ano, e como elas se relacionam com o recurso proposto. Esses dados foram recortes

da dissertação mencionada (Carvalho, 2023) que por sua vez foi aprovado pelo comitê de ética da Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

O trabalho, por sua vez, se desenvolveu apoiado nas ideias construídas pelo grupo *Processos de Constituição do Sujeito em Práticas Educativas* (PROSPED) que em suas inúmeras produções em pesquisas-intervenção-arte vem nomeando e fundamentando o papel da arte como instrumento psicológico no favorecimento do acesso aos fenômenos investigados. Entre as diversas materialidades utilizadas e práticas desenvolvidas dentro do contexto escolar, as pesquisas não se delimitam a intervenções com alunos, mas também com os demais profissionais escolares e familiares atuando não só com a Educação Básica mas no Ensino Superior.

A construção do recurso, portanto, foi idealizada atrelando-se ao trabalho de dissertação mencionado, as pesquisas e práticas do grupo durante os últimos anos e as reflexões coletivas voltadas a intervenções no contexto escolar transformadoras e potentes na construção de novas formas de pensar e agir dos atores escolares. Tendo isso em vista, foram eleitos alguns elementos que percebemos como importantes no dimensionamento desse tipo de pesquisa e que selecionamos para constituir o *PraPsi*. São eles: (1) Intencionalidade, (2) Contexto e Cenário, (3) Expressões Artísticas, (4) Fundamentação e (5) Ação, Apreciação e Avaliação. A imagem ilustra o movimento dialético entre essas dimensões.

Figura 01 - *PraPsi* –Práticas Psicológicas Mediadas por Materialidades Artísticas.



O *PraPsi* busca fundamentar ações de psicólogos voltadas ao coletivo e oferecer subsídios para o planejamento e construção de práticas que se utilizem de expressões artísticas e, para isso, é necessário um movimento dialético entre as dimensões. São dimensões norteadoras que buscam auxiliar na reflexão do psicólogo para escolher uma materialidade e criar um plano de ação. Elas se relacionam em um movimento fluído não se limitando a etapas ou procedimentos fechados de estruturação.

A seguir fundamentaremos cada uma das dimensões, porém é importante ressaltar que elas se organizam de

acordo com a figura nesse processo dialético ao avançar e retroceder ao mesmo tempo de mudar e reconstruir a cada dimensão proposta. Ao mesmo tempo que o profissional se movimenta para uma nova dimensão ele deve voltar à dimensão anterior realizando essa circulação entre as dimensões, intervenções e materialidades propostas.

Intencionalidade

Acerca da especificidade da psicologia da arte, Souza et al. (2018) destacam a intencionalidade como central para nortear a ação que se utiliza da arte para fazer emergirem as subjetividades e favorecer a expressão e a elaboração das emoções. Para as autoras, a intencionalidade da ação direciona a escolha da materialidade a ser utilizada, de modo a afetar os sujeitos e suscitar emoções e reflexões sobre o tema trabalhado ou investigado. Ao afetar os sujeitos e ampliar a reflexão, a materialidade escolhida assume o caráter de instrumento psicológico, justamente pelas possibilidades de promover novas relações entre as funções psicológicas superiores dos sujeitos participantes.

Assim, para atuar como instrumento psicológico, a obra escolhida precisa fazer emergir emoções contraditórias, possibilitando ao sujeito um estado de contemplação e reflexão. As autoras reforçam que, na vivência dessas contradições, é possível ao sujeito construir novas significações, superando a condição anterior e construindo novos nexos e relações. Assim, amplia a compreensão da realidade (Souza et al., 2018).

É nessa dimensão em que se identifica a intencionalidade das ações interventivas e dos objetivos de pesquisa, interliga-se às outras etapas do processo interventivo-investigativo, em um movimento dialético permanente. A princípio, é importante conhecer as demandas, as possibilidades e as implicações do contexto de investigação. Levantar as demandas exige várias observações e aproximações, com registros sistemáticos, conversas com diferentes atores, elaboração da compreensão sobre as demandas, apresentação da observação para os atores envolvidos, coleta de sugestões, ajustes na compreensão das problemáticas. Ao entender como a demanda se manifestou, escutando e conversando com os sujeitos, é possível elaborar uma proposta de atuação.

Contexto e Cenário

Com a clareza da demanda e a definição da intencionalidade, devemos pensar nas características do local onde a proposta será desenvolvida. É preciso conhecer o contexto e, a partir dele, caracterizar o cenário, seus atores, as relações empreendidas nele. Isso porque o conhecimento do contexto envolve as demais dimensões do instrumento, pois direciona por exemplo, a intencionalidade e as materialidades. As dimensões não têm propostas separadas, assim como o planejamento da atuação, usando materialidades artísticas e/ou midiáticas, não deve estar distante do contexto.

Conhecer o contexto demanda se aproximar dos atores que o constituem, o que envolve não somente a escola, seus profissionais e estudantes, mas também a comunidade do entorno, as famílias e as instâncias que regulamentam o funcionamento da educação escolar no âmbito da Diretoria de Ensino e Secretaria da Educação. No que concerne aos sujeitos, devemos compreender a historicidade e nos aproximarmos de suas manifestações, de modo a acessar o movimento dialético e contraditório dos fenômenos da realidade.

O primeiro passo em relação ao contexto é definir o grupo alvo da intervenção, pois este tipo de atuação crítica da Psicologia Escolar mira sempre o coletivo. Ainda que almeje que as ações desenvolvidas afetem todos os grupos, é possível apenas um de cada vez ser alvo das ações. Assim, no âmbito do cenário da pesquisa-intervenção-arte, pode ser com estudantes, professores, gestores, demais profissionais da educação escolar ou, ainda, pais, familiares ou os profissionais do sistema de ensino – no âmbito mais amplo do contexto. Ainda que esses grupos ultrapassem o cenário da escola e não sejam o alvo da pesquisa, considerar seu papel é fundamental para compreender o contexto e a observação de mudanças alcançadas pelas ações da psicologia.

A esse respeito, as questões necessitam ser respondidas: a escola do é pública ou particular? Em qual território se encontra? Quais políticas públicas e educacionais voltam-se a ela? Como a escola se relaciona com o público e a comunidade? Quais são as condições socioeconômicas de seu público, comunidade e profissionais?

Ainda acerca dos grupos alvos das ações, é preciso ponderar algumas questões. Entre elas, dimensionar o tamanho do grupo, o momento em que se encontram, do ponto de vista do desenvolvimento do psiquismo, e o domínio de conhecimentos dos sujeitos. Além disso, importa atentar-se ao tempo das intervenções e o momento a realizar, com cuidado para não atrapalhar a dinâmica de ensino-aprendizagem dos estudantes e professores, como os alunos se posicionam em relação às atividades, o interesse dos adolescentes em geral e do grupo em particular pelas materialidades pensadas.

Em relação ao cenário, representado pela unidade escolar onde se desenvolve a pesquisa-intervenção-arte, para além do conhecimento dos estudantes e profissionais, é preciso acessar as relações e suas dinâmicas, assim como os processos desenvolvidos em seu interior. Devemos delimitar o espaço no qual se realizam as atividades – sala de aula, pátio, biblioteca ou outros? - E sobre ao tempo disponibilizado, como dimensionar o período com a atividade pensada? Se desenvolver a atividade em parceria com o professor, qual o papel deste profissional?

Também concernem à dimensão do cenário os recursos para a aplicação do projeto. Por exemplo, o local tem projetor/TV/Som? Se for materialidades de literatura, como você disponibilizará? Individualmente para cada um? Em um sistema de empréstimo semanal?

Grupo de leitura? Irá transmitir apenas trechos das obras em um projetor? Você precisa de autorização legal ou a obra está disponível gratuitamente? Seu formato de trabalho tem várias partes? Além da apreciação, haverá produção? Se sim, de quais materiais você vai precisar - papel, caneta, lápis, lápis de cor, lápis de cera etc.? Logo, Considerar o contexto e o cenário nos auxilia a escolher materialidades mais eficientes levando em consideração a intencionalidade e a proposta de atuação.

Expressões Artísticas

Ao escolher uma expressão artísticas, devemos ter o domínio dela e de seus fundamentos, o que equivale à história, aos autores, aos meios de expressão. Logo, essa dimensão diz respeito a aprofundar os conhecimentos específicos sobre as expressões escolhidas e os modos de utilizá-las. Para qualquer quaisquer que sejam as opções, é necessário um profundo conhecimento, a fim de entender a técnica utilizada em sua produção, a intencionalidade, o autor, as características enquanto dinâmica, conteúdo e forma. Além disso, importa conhecer as emoções e/ou os sentimentos no centro da obra, os elementos enfatizados na produção – imagem, falas, trilha sonora, cores, movimento, traços –, o contexto de produção, as principais características da cultura em que se desenvolve, o ano de produção, como é possível acessá-la etc.

Também é fundamental investir no modo de trabalhar com a materialidade, a começar pela escolha de uma boa reprodução, de produções de qualidade, adequadas à faixa etária e ao público-alvo das ações. Deve-se investir na apreciação, compreender que nem sempre a expressão artística é conhecida, pois podem não ter o hábito de apreciar imagens ou determinadas produções, como filmes, animes, documentários, poesias, músicas ou romances. Logo, é preciso construir o olhar para apreciar, o que pode exigir vários encontros, até gerar uma relação diferente com os espectadores.

Se não forem materialidades com que o psicólogo tenha familiaridade, mas deseja se aprofundar para utilizar na prática, aconselhamos conversar com outras pessoas que conheçam ou gostem dessas obras, fundamentar-se em pesquisas e produções que utilizem essas mídias, buscar em banco de dados especializado sobre cada obra, além de navegar, assistindo e lendo o máximo possível. Ainda, após a pré-seleção das obras, pode assistir a elas com outros profissionais, para observar novas possibilidades e reflexões, antes de definir quais utilizar.

Nessa pré-seleção, é necessário analisar a expressão artística na relação com as demais dimensões do instrumento vistas até agora - Intencionalidade, Contexto e Cenário. Isso possibilita reformular e repensar as obras, levantando questionamentos, como, por exemplo: Essa obra escolhida se relaciona com a intencionalidade? É adequado para o grupo proposto? Tem a duração apropriada pelo tempo que possui?

Fundamentação

Essa dimensão do PraPsi é condição para as ações interventivas, com o uso de materialidades mediadoras do fenômeno investigado e que deve se transformar. A fundamentação volta-se para a ação interventiva do trabalho do psicólogo. No que concerne aos pressupostos teóricos que estão na base da ação da psicologia crítica, é importante retomar os princípios norteadores de uma ação que visa ao coletivo e colaborativo.

Esses princípios tomam o sujeito como autor de sua história, constituído nas interações que empreende, nas quais se apropria da cultura, transformando-se, enquanto também transforma a cultura. O domínio desse conhecimento é fundamental para a complexificação do modo de funcionar de seu psiquismo, em níveis cada vez mais elaborados.

No caso da utilização de materialidades artísticas ou midiáticas, temos como base a Psicologia da Arte (Vygotski, 1999), compreendida como a capacidade dessas expressões em afetar os sujeitos, sobretudo no âmbito das emoções. Assim, é fundamental o conhecimento para o profissional que pretende realizar este tipo de intervenção, entendendo sua potência para promover a reflexão e a conscientização (Souza, 2016, 2021; Souza et al., 2016). Ao dimensionar os fundamentos teóricos, importa, ainda, buscar conhecer o que a produção em pesquisa na área já produziu sobre o tema.

Ação, Apreciação e Avaliação

Por fim, a última dimensão em destaque refere-se ao desenvolvimento das atividades em uma relação de aplicação e avaliação que se entrelaçam com a criação da proposta. Antes de colocar a proposta em prática, é necessário relacionar todas as dimensões apresentadas e refletir sobre elas não perdendo de vista, também, os objetivos. Essa análise possibilita refletir sobre a efetividade da materialidade, em dado contexto e cenário, se está adequada à intencionalidade da ação, às relações com as demandas e ao público-alvo e se a fundamentação é suficiente para a atuação ou necessita de um aprofundamento maior por parte do profissional.

Porém importa ressaltar que esse processo de reflexão não é um processo feito apenas antes da prática. Ele deve ser feito de forma dialética nos momentos de apreciação das expressões artísticas, nas propostas interventivas, nas práticas do projeto como um todo incluindo os momentos avaliativos. Fazer esse movimento recursivo, possibilita reformular a proposta e se aproximar ainda mais dos sujeitos.

Em síntese, um planejamento dialógico, pensando na intencionalidade, no contexto e cenário, nas expressões artísticas, sustentado na fundamentação das ações do instrumento e do aporte teórico da Psicologia Histórico-Cultural, em específico da Psicologia da Arte, é fundamental no desenvolvimento das atividades coletivas que utilizam a arte. Como dimensões norteadoras da

pesquisa-intervenção-arte, o PraPsi pode contribuir com a ação crítica e consciente de profissionais que desejam usar animes, mangás e outras materialidades artísticas no contexto escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Buscando deixar mais claras as dimensões aqui descritas, iremos relatar uma intervenção realizada em uma escola estadual do Estado de São Paulo, com os alunos do 7º ano. Em março de 2022, a gestão conversou conosco pela primeira vez sobre os alunos da “pior turma da escola”, que “não estavam conseguindo se relacionar de modo adequado” e por causa disso, aumentavam os casos de *bullying*, faltas recorrentes e de comportamentos homofóbico. A gestão nos solicitou, à época, que fizéssemos palestra sobre os temas do *bullying* e respeito.

Ouvimos a queixa dos profissionais e respondemos que precisaríamos nos aproximar da turma, fazer algumas observações e conversas para compreender melhor o fenômeno. Passamos então a frequentar as aulas de alguns professores, conversando com eles e com os alunos. Depois de algumas semanas observamos que se tratava de uma demanda com várias dimensões mais complexas do que as manifestações isoladas que nos foram relatadas. Não eram questões envolvendo somente os alunos, mas também os profissionais e familiares. Os problemas principais ultrapassam a questão do *bullying* e homofobia: Os atores escolares, incluindo alunos e profissionais, tinha dificuldade para conseguir perceber, respeitar ou conviver com diferenças de qualquer tipo.

Pensando em nosso *PraPsi*, entende-se que a etapa de “Intencionalidade” não interliga apenas a materialidade que se pretende escolher, mas representa a complexidade de interações e relações na prática profissional. Nesse caso foi necessário ouvir as demandas, conversar com diversos alunos e profissionais, mapeando antes de propor um plano de atuação.

Como mencionado, o formato de atuação foi elaborado dentro da pesquisa-intervenção-arte que busca, a um só tempo produzir conhecimento e acessar os fenômenos investigado oferecendo assim subsídios “para o desenvolvimento de práticas psicológicas comprometidas com a transformação das condições que produzem alienação e sofrimento dos sujeitos” (Souza et al., 2018, p. 376) utilizando a arte. Essa forma de acessar a realidade possibilita a produção de “significados e sentidos que devem ser considerados tanto na pesquisa como na reorganização e direcionamento da prática” (Souza & Arinelli, 2019, p. 14). A escolha pela pesquisa-intervenção-arte relacionada com a necessidade da proposta de, não só acessar a realidade, mas também promover ações que permitam pôr o “fenômeno em movimento” (Souza et al., 2018, p. 381).

As ações desenvolvidas nessa escola, pelo grupo de pesquisa, já utilizam essa metodologia por acreditarmos que as pesquisas na escola só se justificam se produzi-

rem transformações, de forma contínua, no modo de agir e pensar de estudantes, professores e gestores. Transformações, em especial, no modo de pensar e agir ao acessar o fenômeno e o colocando nesse movimento reflexivo e dialético. Além disso, o grupo se utiliza de materialidades artísticas por serem capazes de fazer viver as emoções a partir da contemplação e do estranhamento (Souza et al., 2018, Souza & Arinelli, 2019).

A partir da aproximação com o contexto elegeu-se então, a intencionalidade, qual seja: abordar o fenômeno nas diferenças e seu enfrentamento e promover a mudança do modo de agir e pensar dos alunos sobre essa temática. Com a intencionalidade definida passamos a etapa de “Contexto e Cenário”. Pensamos em intervenções dentro da sala de aula, de forma coletiva, acreditando no potencial do grupo. Foram delineadas três etapas: primeiro os alunos iriam assistir ao episódio do anime escolhido dentro da sala de aula, depois a psicóloga-pesquisadora iria conduzir um debate, buscando reflexões sobre as diferenças e, por fim, os alunos fariam uma produção livre, possibilitando-lhes novas formas de expressão e elaboração do fenômeno em questão, no caso, as diferenças e as possibilidades de convivência.

O grupo a ser trabalhado era a turma do 7º ano, em questão, com uma média de 40 alunos. Foram observados em conversas com eles, nas capas de seus cadernos, roupas caracterizadas, bolsas com *bottons*, que muitos tinham interesse em animes e mangás. Relacionando o grupo com a intencionalidade, a proposta seguiu usando a materialidade “Anime”, acreditando que facilitaria o diálogo e expressão sobre a temática.

Em parceria com a professora de português, foi oferecida a possibilidade de usufruir de dois tempos de aula por semana (média de 90 minutos). Essa parceria seria fundamental para trabalhar diversas temáticas de forma semanal, seguindo o formato estruturado. O grupo de pesquisa compreende a parceria entre psicólogos e atuantes escolares como uma construção de relações que tem no núcleo organizador a compreensão, orientado para o enfrentamento e superação “dos modos cristalizados de viver as situações que se configuram como impeditivas da elaboração de ações pedagógicas e psicológicas que e voltem a promoção do desenvolvimento, do ensino e de aprendizagem” (Oliveira, 2018, p. 111).

Ainda considerando o cenário, ao observar os recursos tecnológicos da escola, foi pensado na transmissão pela psicóloga-pesquisadora, usando o *laptop* pessoal, dentro da sala de aula, que possuía uma TV e cabo HDMI. A internet da escola não funcionava com precisão e o computador não estava disponível, inicialmente, de forma acessível. Assim, a psicóloga-pesquisadora iria trazer os animes para transmitir sem depender da *internet* ou dos aparelhos tecnológicos da instituição. Além disso, foi feito um levantamento dos materiais necessários para toda a intervenção documentando os e dialogando com a gestão. Todos os materiais não disponíveis foram

providenciados pela psicóloga-pesquisadora verificando também quais plataformas de *streaming* os animes estavam disponíveis sem inferir direitos autorais.

Resolvido o dimensionamento do contexto e cenário, avançamos à dimensão das Expressões Artísticas. Inicialmente foi considerado que como foram propostas três etapas nas intervenções (assistir, debater e produzir) o tempo total não poderia passar de 120 minutos. Assim, animes longos e curtos foram retirados da proposta para evitar ultrapassar ou sobrar, muito tempo. Foi pensado um episódio por dia (média de 25-30 minutos).

Ao pensar nos animes, entendemos que não se trata apenas de apresentá-los aos adolescentes, mas é preciso mergulhar, junto com os alunos e professores nas incontáveis possibilidades de sentidos e significados que a obra expressa (Souza et al., 2018). Para auxiliar nesse processo, é necessário o próprio mergulho do psicólogo tanto na fundamentação quanto no preparo antes de escolher qual obra contemplará melhor a possibilidade de colocar os afetos em movimento, tendo clareza de quais afetos devem se movimentar. No caso, os relativos às diferenças e seu convívio.

Para escolher um anime, por exemplo, é essencial pesquisar e conhecer as obras. É necessário um processo de imersão dos profissionais e isso inclui assistir ou ler muitas vezes, pesquisar profundamente a obra, assim como quem é o criador, se há sequências, qual o enredo geral da obra etc.

Além disso, os animes (assim como filmes) podem ser de conteúdo explicitamente pornográfico ou conter temáticas voltadas exclusivamente para o público adulto. Nesse sentido, é importante entender para qual grupo aquela obra foi produzida e pensar qual o grupo que a proposta criada está buscando atingir.

Pensando em animes sobre essa temática, foram pesquisados alguns, a que a psicóloga-pesquisadora já tinha assistido e que acreditava estarem de acordo com a intencionalidade. Além disso, foi feita uma nova busca sobre outros animes que poderiam entrar nessa pré-seleção, pesquisando suas referências. A psicóloga-pesquisadora assistiu ao primeiro episódio de todas as obras pré-escolhidas (inclusive as que já conhecia e que já tinha visto) anotando possíveis temáticas e reflexões. Em seguida relacionou a expressão artística com as demais dimensões do *PraPsi* que tinha feito até agora – Intencionalidade, Contexto e Cenário - alterando as obras quando necessário. Essas correlações foram importantes para criar critérios de exclusão e inclusão como: o anime precisa estar dublado em português para facilitar os alunos com dificuldade na leitura; o anime deve ter (preferencialmente) um mangá de referência para incentivar a leitura; disponível de forma *online* e gratuita para futura consulta/acompanhamento, se for de interesse do aluno etc.

Por fim, foi observada cada obra como um todo. Mesmo que a proposta seja a transmissão na sala de

aula, apenas do primeiro episódio, é um compromisso ético que o profissional deve assumir ao tentar entender minimamente como a obra vai se desenvolvendo após aquele momento. Se uma das intenções era que eles continuassem a ver a obra, ler o mangá e conversar entre eles sobre este, isso significa que o desenrolar do enredo não pode ter temáticas que se destoam daquele grupo ou propostas, passando a ser inadequado. E isso as vezes acontece. Um exemplo são obras que trocam os estúdios de produção, ou seus direitos autorais são vendidos e, a partir daquele momento, são alteradas pela indústria da forma que desejarem. Isso não se delimita a animes e mangás, mas também a séries, filmes sequenciais, adaptações etc.

Assim, o anime escolhido, para trabalhar a temática das diferenças foi *Boku no Hero Academia* (ou *My Hero Academia*), dirigido por Nagasaki (2016) e baseado no mangá homônimo de Horikoshi (2014). A história conta a trajetória de Izuku Midoriya, um jovem menino que sonha em ser um super-herói em uma sociedade em que a maioria da população possui algum tipo de poder, chamado “individualidade”. Na obra, os super-heróis são tratados como qualquer outra profissão: há escolas preparatórias, sindicatos, remuneração, estágios etc. Midoriya, porém, não possui nenhuma individualidade e mesmo assim não desiste de seu sonho, entrar em uma das melhores academias para aprender a ser um herói. Certo dia, ele conhece seu herói favorito, All Might, que muda sua vida. A obra começa com o enfoque no personagem principal e vai crescendo ao apresentar outros adolescentes que também buscam ser super-heróis e os diversos desafios atravessados.

Temáticas diversas são abordadas, como ser diferente, *bullying*, a escolha da profissão, processo de aceitação (ou não) familiar, dedicação, procura de estágios, empregos etc. Observamos que, por mais que a fantasia esteja muito presente, o foco da obra não é sobre os poderes, e sim sobre como os adolescentes são atravessados pelo crescimento e amadurecimento nessa busca de atingirem seus sonhos e na trajetória profissional (nesse caso serem heróis). O enfoque nas relações, sacrifícios, dedicação e persistência dos personagens são enredos da obra, reforçando a ideia de solidariedade com o leitor e espectador, colocando os superpoderes como pano de fundo das histórias e desafios pessoais de cada personagem.

O anime é do tipo seriado com mais de 159 episódios (ainda em lançamento, em média 25 minutos por episódio, do gênero ação) e seu mangá foi finalizado com 432 capítulos em agosto de 2024. A pesquisadora assistiu a mais de 100 episódios e leu mais de 150 capítulos do mangá antes de considerar utilizar a obra no projeto, reforçando aqui a necessidade de buscar entender minimamente a obra de forma ampla.

Por fim, seguimos a etapa de “Ação, Apreciação e Avaliação”. Foram testados todos os aparelhos eletrônicos

envolvidos, além de verificar se todo o material necessário para as produções estava disponível. Nesse dia, por mais que houvesse o preparo de todas as dimensões, não foi possível ter os dois tempos de aula e dividimos a atividade em dois dias. Esse ocorrido é importante relatar para demonstrar que imprevistos podem ocorrer durante todas as etapas. Ter isso em mente também deve ser considerado para auxiliar a alterar, remanejar e replanejar caso seja necessário.

Inicialmente a psicóloga-pesquisadora se apresentou e contou sobre seu trabalho e projeto. Informou à turma que assistiriam a um anime e pediu que prestassem bastante atenção, pois, posteriormente, fariam algumas atividades. Terminada a apresentação teve início um debate conduzido pela psicóloga-pesquisadora, que utilizou como perguntas disparadoras como: Como você se sentiu assistindo ao episódio? O que o criador quis transmitir? O que ele te fez lembrar? A que situações ele te remete? Etc. Em seguida, foram entregues os materiais que utilizariam nas produções individuais, tais como: papéis em branco sem pauta, canetinhas.

Os alunos conseguiram debater e fazer as produções dentro do tempo total proposto. As atividades foram recolhidas e, posteriormente, auxiliaram a psicóloga-pesquisadora a observar interpretações, reflexões e generalizações possibilitando criar e alterar propostas de atuação com aqueles adolescentes, considerando novas demandas e inquietações que eles foram relatando nas produções ou no debate. A utilização do anime em questão auxiliou os alunos a refletirem sobre as diferenças, o *bullying* e a violência na escola, permitindo-lhes repensar seu contexto, as relações entre eles e as suas formas de expressão. Observe-se um exemplo: após a apreciação do anime que mostrava o *bullying* vivenciado por um dos personagens, um dos alunos fala que o *bullying* não é errado ou certo, ele depende

Se a pessoa que tá recebendo aceita ou não, se você tem intimidade ou não... É questão de respeito. Entre amigos pode, porque os amigos não podem levar para o coração, aí não é *bullying* é só brincadeira (Fala aluno, Diário de Campo [DC] Nº18, 13 de set. de 2022)

Nessa situação a psicóloga-pesquisadora tentou fazer perguntas que buscassem uma reflexão de todos os estudantes na sala. Será que o que é bom ou legal para você, é para todo mundo? Será que seu amigo consegue falar que não está gostando? Será que ele não poderia estar com medo ou vergonha? Perguntas como essas incentivaram outros alunos a se posicionarem e denunciarem comportamentos de violência que sofriam. Eles tentaram argumentar com o estudante, no coletivo: “nem toda brincadeira que você faz é brincadeira” e “as pessoas não são obrigadas a gostar e aceitar o que você faz com elas”, denunciando atos em que se sentiram ofendidos ou atacados.

Posteriormente, alguns alunos vieram falar com a psicóloga-pesquisadora, pois se sentiram confortáveis

em denunciar o *bullying* que sofriam devido ao espaço criado para poderem se expressar, se sentindo seguros e apoiados pelo coletivo. Eles se identificaram com o personagem e o debate conduzido pela psicóloga os ajudou a se posicionarem (DC Nº18, 13 de set. de 2022).

Houve um movimento reflexivo envolvendo o coletivo e uma ampliação e diversificação sobre as opiniões e percepções frente à temática das relações e das diferenças dentro do contexto escolar. O episódio os colocou em contato com sentimentos e percepções contraditórios: amizade que nos fazem sofrer; amizades em que não podemos falar o que sentimos; amizades que nos fazem sentir sós.

Esse processo reflexivo, em busca de um espaço transformador no contexto escolar na intervenção, foi possível devido ao cuidado prévio da psicóloga-pesquisadora em considerar todas as dimensões apresentadas. Para isso, foi necessário delimitar uma intencionalidade na proposta de atuação que colocasse os sujeitos como protagonistas frente ao fenômeno, conhecer o contexto e cenário, escolher uma expressão artística e uma fundamentação sustentadas pelo princípio coletivo-colaborativo-transformador e fazendo esse movimento de mudança e alterações a partir de novas construções que o coletivo evoca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arte possibilita fazer viver emoções que, imbricadas com a imaginação, favorecem novas possibilidades de reflexões ampliando novas percepções e ações. Esse processo é especialmente fundamental no contexto escolar onde a apropriação de conhecimentos complexos promove o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, sobretudo da imaginação e do pensamento por conceito, importantes para a ampliação da reflexão e novas possibilidades de compreensão de si e da realidade. Porém, a arte por si só pode não mobilizar ou alterar nossas vidas ou a dos estudantes e profissionais da escola. Para a utilizarmos de forma ética, potente e transformadora é necessário um processo de apropriação e domínio dos conhecimentos no campo das artes, articulados aos conhecimentos da Psicologia, sustentados em pressupostos críticos que sustentam uma ação engajada e transformadora. É preciso, principalmente, se tornar um apreciador de arte, investindo no desenvolvimento de um olhar sensível, que se volta às emoções que estão no centro de produções desta natureza.

Pensando nessa necessidade criamos o recurso norteador nomeado Práticas Psicológicas Mediadas por Materialidades Artísticas (*PraPsi*) organizando em cinco dimensões que auxiliam na produção de práticas mobilizadas pela arte: Intencionalidade; Contexto e Cenário; Expressões Artísticas; Fundamentação e Ação, Apreciação e Avaliação. Entretanto, é importante considerar que não se trata de um procedimento fechado, a ser utilizado seguindo o mesmo modelo. As dimensões propostas se relacionam em um movimento fluído não

se limitando a etapas ou procedimentos fechados de estruturação convidando o profissional e navegar entre as dimensões ao criar plano de atuações diferentes para cada propostas, contexto e demanda.

Pensando em práticas coletivas que tenham como base a pesquisa-intervenção (Souza, 2019) o recurso também foi idealizando em um pensamento coletivo interligando não só uma pesquisa, mas atrelando as pesquisas e intervenções do grupo durante os anos e as reflexões coletivas que buscam práticas transformadoras no contexto escolar.

Acreditamos que o *PraPsi*, como recurso norteador da pesquisa-intervenção-arte, utilizando-se de expressões artísticas, pode contribuir com a ação crítica e consciente de profissionais que desejam usar materialidades artísticas no contexto escolar. A proposta está em consonância com a psicologia escolar crítica, que, segundo Guzzo (2008, p. 22), busca diálogo, reflexão e intervenção buscando “descobrir formas de tornar a escola um espaço para o exercício de liberdade e autonomia”. Concordamos com a autora que a “ação do psicólogo é política, na medida em que deve influenciar mudanças em seu contexto de trabalho” (Guzzo, 2008, p. 23).

REFERÊNCIAS

- Arinelli, G. S. (2022). *“A nossa voz importa”: promovendo a capacidade de ação de adolescentes do Ensino Médio público* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/handle/123456789/16506>
- Barbosa, E. T. (2017). *Os “Donos da imaginação”: a contação e produção de histórias promovendo o interesse e a participação de adolescentes em atividades escolares*. [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/15746/ccv_ppgpsico_dr_Eveline_TB.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Camargo, T. de, Silva, R. V. N. da, Carvalho, R. M. de A. F., & Souza, V. L. T. de. (2023). Arte e Psicologia: A colagem como instrumento de trabalho do psicólogo. *Revista Psicopedagogia*, 40(122), 271–275. <https://doi.org/10.51207/2179-4057.20230025>
- Carvalho, R. M. de A. F., & Souza, V. L. T. de. (2023). Animes e Mangás na Escola: Atuações Críticas da Psicologia escolar. *Mutações*, 15(25), 111–123. <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/relem/article/view/11941>
- Coli, J. (1995). *O que é arte?* (15a ed., Vol. 46). Coleção Primeiros Passos. Editora Brasiliense.
- Guzzo, R. S. L. (2008). Escola amordaçada: compromisso do psicólogo com este contexto. In A. M. Martinez (Ed.), *Psicologia Escolar E Compromisso Social*. Alínea.
- Horikoshi, K. (2014). *Boku no Hero Academia*. Shounen Jump (Weekly).
- Jesus, J. S. de. (2020). *As histórias que contamos de nós: mobilizando a imaginação e as emoções de estudantes do ensino fundamental II* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica]. <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/handle/123456789/15764>
- Kosik, K. (2002). *Dialética do concreto*. Paz e Terra.
- Marinho-Araújo, C. M., Teixeira, A. de M. B., & Cavalcante, L. (2023). Lei 13.935/2019: histórico, limites e potencialidades para a Psicologia Escolar. In Marinho-Araújo, A. de M. B. Teixeira, & L. Cavalcante (Eds.), *Psicologia escolar: atuação profissional e a Lei 13.935/2019* (pp. 5–12). Alínea.
- Medeiros, F. P. (2022). *A escola como promotora de desenvolvimento humano: contribuições da psicologia à gestão escolar* [Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica]. <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/handle/123456789/16505>
- Nagasaki, K. (2016). *Boku no Hero Academia*. Funimation.
- Neves, M. A. P. (2015). *Psicologia Escolar e Música: mobilizando afetos e promovendo vivências na classe de recuperação* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. <http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/xmlui/handle/123456789/15997>
- Oliveira, B. C. (2018). *Psicólogos Escolares e professores: A parceria como Mediação de práticas Educativas Críticas* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas].
- Oliveira, M. C. de. (2021). *Manifestações de emoções de estudantes do ensino fundamental II: refletindo sobre práticas do psicólogo escolar* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas]. http://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/16071/ccv_ppgpsico_me_Marina_CO.pdf.pdf?sequence=1&isAllowed=y
- Souza, V. L. T. de. (2016). Arte, Imaginação e Desenvolvimento Humano. In M. V. Dazzani & V. L. T. Souza (Eds.), *Psicologia escolar crítica: teoria e prática nos contextos educacionais* (pp. 77–93). Alínea.
- Souza, V. L. T. de. (2019). A Pesquisa-Intervenção como forma de Inserção Social em Contextos de Desigualdade: Arte e Imaginação na Escola. *Psicologia Em Revista*, 25(2), 689–706. <https://doi.org/10.5752/P.1678-9563.2019v25n2p689-706>
- Souza, V. L. T. de. (2021). Art and Science Advancing Human Understanding: Epistemological and Methodological Foundations. In G. S. Arinelli & V. L. T. de Souza (Eds.), *Qualitative Research and Social Intervention: Transformative Methodologies for Collective Contexts* (pp. 17–36). IAP Publishing.
- Souza, V. L. T. de, & Arinelli, G. S. (2019). A dimensão revolucionária do desenvolvimento e o papel da imaginação. *Revista Obutchénie*, 1–22. <https://doi.org/10.14393/OBv3n2.a2019-51560>
- Souza, V. L. T. de, Dugnani, L. A. C., & Reis, E. de C. G. dos. (2018). Psicologia da Arte: fundamentos e práticas para uma ação transformadora. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 35(4), 375–388. <https://doi.org/10.1590/1982-02752018000400005>
- Souza, V. L. T. de, Petroni, A. P., & Andrada, P. C. de. (2016). *A Psicologia da Arte e a Promoção do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Edições Loyola.

Takara, L. M. (2017). *“Nóis pixa voces pinta, vamu ve quem tem mais tinta”*: A mediação do espaço Físico e Social na Promoção do Desenvolvimento da Imaginação de Adolescentes do Ensino Médio [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas].

https://repositorio.sis.puc-campinas.edu.br/bitstream/handle/123456789/16006/ccv_ppgpsico_me_Luciana_MT.pdf?sequence=1&isAllowed=y

Vigotski, L. S. (1999). *Psicologia da Arte*. Martins Fontes.

Recebido em: 31 de outubro de 2023

Aprovado em: 10 de outubro de 2024

Este trabalho foi financiado em parte pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq

Editora de Seção: Maria Júlia Lemes

Disponibilidade de dados: Os dados de pesquisa estão contidos no artigo.